

XI SEUR – V Colóquio Internacional sobre Comércio e Consumo Urbano

AS GEOGRAFIAS DO COTIDIANO

Luciano Fernandes Pedroso¹

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, luccgeo@gmail.com



*“A cidade se apresenta centro das ambições,
Para mendigos ou ricos, e outras armadilhas.*

*Coletivos, automóveis, motos e metrôs,
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs...”*

(A Cidade - Chico Science e Nação Zumbi).

Figura 1 : A cidade e o cotidiano.

¹ Bolsista CAPES / Orientador da Pesquisa: Professor Dr. Álvaro Heidrich do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS: alvaro.heidrich@ufrgs.br

RESUMO

Na obra de Ítalo Calvino, onde Palomar questiona: “Mas como é possível observar alguma coisa deixando à parte o eu? De quem são os olhos que olham?” Assim o cotidiano se apresenta diante dos nossos olhos e nós também estamos inseridos nessa cotidianidade. Este trabalho, oriundo de uma pesquisa ainda em processo, tem como elementar preocupação analisar a produção do espaço social nas ruas do centro da cidade de Porto Alegre, por meio do exame da complexidade intrínseca e por vez contraditória do cotidiano que é produzido pelos indivíduos, grupos e agregados sociais que utilizam parcelas deste importante espaço público metropolitano com intuito de buscar através de suas práticas socioespaciais a sua sobrevivência material e a convivência afetiva.

Palavras-Chave: Cotidiano. Etnografia. Produção do Espaço. Práticas Socioespaciais. Espaço Social.

ABSTRACT

EVERYDAY LIFE GEOGRAPHIES: VIEWS FROM AND ON PORTO ALEGRE CENTER'S STREETS.

In Calvino's book, Palomar questions: "How is it possible to observe anything, putting myself aside?" and "Whose eyes are those which see?". The everyday life is presented like this and we are also inserted in it. This paper, based on a developing research, has as the main concern to analyze the production of the social space in Porto Alegre center's streets by means of the examination of the everyday life's intrinsical complexity and consequently contradictory, which is produced by individuals, groups and social aggregation that use a part of this important metropolitan public place in order to obtain their material survival and their affective living by their sociospatial practices.

Keywords: Everyday life. Ethnography. Production of space. Sociospatial practices. Social space.

1 INTRODUÇÃO

Começo este texto, convidando ao leitor a *ler* a fotografia acima, por sinal darei crédito ao meu ex-aluno Anderson Paz que me auxiliou na captação, na composição fotográfica e na edição das imagens desses efêmeros fragmentos de tempos no cotidiano do centro de Porto Alegre. Nesta fotografia podemos discutir por delongas essa respectiva cena urbana: seus contextos, a opção pelo branco e preto, a luminosidade, os movimentos, a técnica fotográfica, suas expressões, suas texturas, seus indícios entre outras minúcias como possibilidades analíticas. O fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson (1965, p.5) alega que “o pequeno detalhe humano pode tornar-se um *leitmotiv*. Vemos e mostramos o mundo que nos cerca, mas trata-se de um acontecimento que, por si, provoca o ritmo orgânico das formas”.

Cartier-Bresson busca obcessivamente para o seu retrato perfeito de acordo sua intencionalidade fotográfica o *instante decisivo* que com sua *Leica*² consegue vislumbrar esta efemeridade cotidiana, onde por intermédio da foto, geralmente e de forma intencional utiliza a técnica da *regra dos terços*, com intuito de dimensionar a ideia do movimento à cena e retirar a simetria e a estabilidade do objeto principal da composição da imagem, e assim expor uma série de planos,

² Câmera fotográfica alemã utilizada por Cartier-Bresson.

texturas e camadas de uma mesma cena, no caso de Cartier-Bresson marcadas pelas ações cotidianas, que é uma de suas características mais significativas e presentes em seus trabalhos.

Na pesquisa, aproximo minhas discussões acerca do cotidiano que se manifesta na rua, mais especificamente nas ruas do centro de Porto Alegre, a partir da experiência urbana do tempo vivido empreendido neste espaço. Nesse sentido a *rua* assume um papel significativo neste trabalho, sendo ela, conforme DaMatta (1997) marcada por uma profunda diferenciação entre o ambiente fechado: a casa e do ambiente público: a rua, inclusive com profundos e divergentes padrões comportamentais para cada um desses espaços.

Somos rigorosamente subcidadãos e não será exagerado observar que, por causa disso, nosso comportamento na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativo. Jogamos o lixo para fora de nossa calçada, portas e janelas; não obedecemos às regras de trânsito, somos até mesmo capazes de depredar a coisa comum, utilizando aquele célebre e não analisado argumento segundo o qual tudo que fica fora de nossa casa é um "problema do governo"! Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado. (DAMATTA, 1997, p.20)

O centro da cidade de Porto Alegre traduz essa mesma noção daquela trazida por DaMatta (1997), esse contraste presente por meio do cotidiano das pessoas que lá circulam por inúmeros motivos e intenções, produzindo este espaço social. A rua se apresenta, ora meramente de passagem ou flâneur, ora por interesses, inclusive com marcações territoriais sutis ou claramente definidas pelas diversas práticas ali estabelecidas. Para Lefebvre (1961, p.309) o contexto da rua “representa a cotidianidade na nossa vida social” sendo o “lugar de passagem, de interferências, de circulação e de comunicação, ela torna-se, por uma surpreendente transformação, o reflexo das coisas que ela liga, mas viva que as coisas. Ela torna-se o microscópio da vida moderna. Aquilo que se esconde, ela arranca da obscuridade. Ela torna público”.

O cotidiano toma dimensões importantes no desbravamento ou no entendimento desse espaço múltiplo e complexo, ou a pluralidade de sentidos e códigos que Lefebvre (2006, p.310) menciona como definidores no qual a “complexidade do espaço social (aqui do espaço monumental) se manifesta à análise liberando e desdobrando diferenças; o que parecia simples revela suas complicações”.

O cotidiano também é marcado pelo tempo que define os ritmos do plano vivido no espaço social. Este tempo de acordo com Ana Fani Carlos (2007) chamado de “tempo cotidiano homogêneo”, que abstratamente comanda a “vida social em todos os momentos”. Assim sendo, a cidade pode também ser compreendida como um objeto temporal.

Esta compreensão da interligação da esfera social e psicológica com a percepção do “passar do tempo” como o afirma Di Mèo (2007), onde “essa projeção no espaço é, indissociavelmente, também uma projeção no tempo, em um presente particular, um instante singular”. Ou seja, nossas práticas

sociais inscritas no espaço configuram-se nesse espaço vivido que se mostra único, instantâneo e efêmero, como nos retratos citadinos de Cartier-Bresson.

2 DO FLÂNEUR E A FOTOGRAFIA NO E DO COTIDIANO: UM OLHAR SOBRE O MÉTODO



“Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaíra dos altos bastiões. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”. (Italo Calvino)

Figura 2: A fala dos passos perdidos.

O estudo sobre o cotidiano da cidade requer uma metodologia apropriada para apreender toda essa complexidade presente nesse espaço. No caminhar de minha pesquisa deparei-me sobre qual seria a forma mais propicia para desvelar as práticas espaciais empreendidas, e quais eram de franco interesse para as minhas abordagens. Àquilo que se apresenta claramente aos olhos do pesquisador e àquilo que se esconde de forma intencional ou fortuita de nossa perspectiva.

Certeau (1994, p.172-173) escreve,

Aqui está presente a ideia de que se produz um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e desconhecimento das práticas (...) escapando às totalizações do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesmo toda a identidade de autores ou de expectadores(...) lá embaixo vivem os praticantes ordinários da cidade onde as redes de fragmentos de trajetórias individuais vão criando os traços, os usos e os sentidos do espaço da cidade

Michel De Certeau (1994) do alto do 110º do World Trade Center observa Nova Iorque constatando a impossibilidade de dimensionar a experiência e as percepções, do que ele denota de

“texturologias” das massas, a partir do distanciamento “aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega”, sendo preciso “cair de novo no sombrio espaço onde circulam multidões”. Essa constatação feita por De Certeau nos leva a perceber da necessidade dessa proximidade íntima do pesquisador do cotidiano com a experiência do espaço vivido. A cidade vista de cima ou de longe não passa de um “simulacro teórico” como se refere De Certeau (1994) excluindo toda a possibilidade de compreensão e *leituras* das “práticas ordinárias” e operações que se dão na esfera cotidiana.

Caminhando pelo centro de Porto Alegre com seus cheiros, sons, fisionomias, obstáculos, cores e sombras, ou seja, em toda sua efervescência, me remete diretamente a narrativa do personagem do conto do escritor estadunidense Edgar Alan Poe intitulado de *O Homem da Multidão*, que usa a prática do *flanêrie* para a apreensão dos moradores ou *habitués* da cidade em busca de uma narrativa urbana da cidade de Londres por volta de 1844, época que o conto foi escrito. O personagem de Poe retrata toda essa confusão dos sentidos, em seus encontros e desencontros e na anomia nas massas que a cidade impõe. E o mais contundente fora sua decepção de não conseguir ler um de seus observados que insistentemente insistia em desaparecer na multidão como podemos verificar no seguinte trecho:

Ele não deu conta de mim, mas continuou a andar, enquanto eu, desistindo da perseguição, fiquei absorvido vendo-o afastar-se. *Este velho*, disse comigo, por fim, é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa-se a estar só. É o *homem da multidão*. Será escusado segui-lo: nada mais saberei a seu respeito ou a respeito dos seus atos. O mais cruel coração do mundo é livro mais grosso que o *Hortulus animae*, e talvez seja uma das mercês de Deus que ‘es lässt sich nich lesen’ - não se deixa ler”. (POE, 1999, p.190)

A prática do caminhar despretensioso, ou supostamente despretensioso nos coloca à frente deste contato direto com este espetáculo urbano e nessa possibilidade de leitura do cotidiano da cidade, como afirma Benjamim (1994) “a cidade é o autêntico chão sagrado da *flanêrie*”, e, portanto, o “fenômeno da banalização do espaço” nos favorece a essa *empirização* da complexidade que se apresenta no espaço urbano.

Na abordagem desse cotidiano e das práticas socioespaciais que emergiram durante a pesquisa, verifiquei a importância e a necessidade de uma metodologia que buscassem desvelar todo esse emaranhado complexo presente no espaço vivido do centro de Porto Alegre. Neste contexto, a etnografia, sendo ela um método, por excelência, da Antropologia abrange todo esse procedural necessário ao estudo das sociedades complexas. Em minha pesquisa optei por esse método em busca da compreensão do espaço vivido do centro de Porto Alegre, a partir da possibilidade do desvendamento das práticas socioespaciais que ocorrem nesse espaço. A etnografia nos propicia esse *olhar* do cotidiano por meio dessas narrativas desse espaço social em suas tramas relacionais.

A etnografia *da e na rua* com se refere Rocha e Eckert (2013), autoras importantes para *caminhar metodológico* de minha pesquisa, se dá pela exaustiva captação da “sobreposição cumulativa

dos tempos vividos” onde a observação sistemática e minuciosa, os “diálogos menos fortuitos”, as impressões persistentes e sucessivas no diário de campo e somando a isso os registros audiovisuais (fotografia, vídeos e sons) fornecem à pesquisa a possibilidade da percepção de como os indivíduos, grupos e agregados sociais produzem esse cotidiano, e compõem essa texturologia emanada da “poética da rua”.

A menção narrativa da experiência urbana em suas sutilezas revela o cotidiano que se esconde nas trajetórias apressadas das massas efêmeras e do anonimato imposto pela vida na urbe.

Assim é que a etnografia de rua percorre o sensível, se perguntado sobre os gostos, as paixões, os dramas que impregnam a vida de ruas e configuram a cidade, evocando as imagens que permitem descrever e interpretar este universo: gestos, posturas, conversas, encontros, ruídos, e de tudo que configura a vida cotidiana se apresenta de plenos sentidos, (ROCHA e ECKERT, 2013, p. 15)

Na perspectiva do método etnográfico, um procedimental importante que utilizei na pesquisa do centro de Porto Alegre é o uso da fotografia, indispensável na sistematização da etnografia de rua. A imagem fotográfica não se apresenta como mera ilustração do trabalho e sim como um compósito de informações, na qual podemos apreender e narrar o cotidiano do centro. Essas imagens como alega Bachelard (1990) “não são conceitos”, e, portanto, não se apresentam isoladas em sua significação. “Tendem precisamente a ultrapassar sua significação” onde a imaginação configura-se no “sujeito transportado às coisas” e essas imagens trazem em seu conjunto simbólico a “marca do sujeito”.

Assim, a fotografia não é, simplesmente, uma imagem *strictu sensu* dessa vida cotidiana e sim uma representação de um indício, ou seja, como menciona Kossov (2007, p.41) essa “imagem fotográfica” tem um caráter indiciário “na medida em que propicia a descoberta de pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador” que somadas a um contexto histórico, geográfico, antropológico entre outros, “a carregam de sentidos”.

Podemos fazer uma analogia da técnica fotográfica com um exercício para a pesquisa do cotidiano que se estabelece pela subjetividade e ou a sensibilidade do investigador em revelar a espacialidade fragmentada. As pesquisas que têm como palco o *urbano* e seus *praticantes*. Assim como menciona De Certeau (1994, p.136) referenciando Nova Iorque, mas aplicado sem reservas às nossas realidades urbanas, onde este espaço “coincide o extremo da ambição e da degradação, as oposições brutais de raças e estilos, os contrastes entre prédios criados ontem, agora transformado em latas de lixo, e as irrupções urbanas do dia que barram o espaço”. A cidade pode ser desvelada a partir de uma visão sobre a “massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou espectadores”, conformados e uma “texturologia” como uma representação ou um “artefato ótico”.

Escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível. Neste conjunto, eu gostaria de detectar práticas

estranhas ao espaço 'geométrico' ou 'geográfico' das construções visuais, panópticas ou teóricas. (CERTEAU, 1994, p.172)

O centro da cidade se apresenta como uma possibilidade de compreender as práticas socioespaciais lá estabelecidas. Os ritmos de vida e as formas como os indivíduos utilizam parcelas do espaço de acordo com suas intencionalidades. Lefebvre (1994) afirma que o espaço é produzido pela intenção sendo produto e produtor em conformação com a produção cotidiana. Captar esse cotidiano possibilita-nos compreender a dinâmica que impera nesse respectivo espaço por meio de seus produtores.

O que se apresentou/apresenta como grande dilema ao método etnográfico para essa pesquisa em Geografia é o de fazer do espaço uma categoria central para a compreensão dos processos sociais investigados no cotidiano do centro da cidade. Sendo assim por meio das observações realizadas no delinear da pesquisa e para fins metodológicos, tive como obrigatoriedade analítica categorizar esse espaço de acordo com suas práticas e usos e subdividir seus praticantes de acordo com suas características e similaridades.

3 A CIDADE E SEUS HABITUÉS: AS NARRATIVAS DAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS NAS RUAS DO CENTRO DE PORTO ALEGRE

“Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução”.

(BENJAMIN, 1994, p.73)

Por meio de observações, conversas e simples flanar pelos labirintos do centro da cidade de Porto Alegre e seus arredores pude perceber uma série de práticas socioespaciais estabelecidas e/ou manifestadas nesse espaço, são relatos no diário de campo, conversas fortuitas, impressões observantes e captação de imagens que compuseram o cerne da pesquisa. Elenco alguns personagens e narrativas urbanas que são oriundas dos trabalhos de campo já realizados em dois pontos do centro da cidade: A Praça da Alfândega e o Largo Glênio Peres.

3.1 Espaços, tempo e a sombra do jacarandá: narrativas dos últimos engraxates da Praça da Alfândega

O centro é importante pra mim? Sim, é daqui que tiro meu sustento, meu amigo.



Figura 3 : O Cotidiano retratado.

Disse-me sorridente, o engraxate que há muitos anos trabalha na Praça da Alfândega, continua ele falando:

Vi muitas coisas por aqui (...) boas e ruins. Aqui tenho muitos amigos e clientes, mas antes tínhamos bem mais (...). O pessoal só usa tênis de plástico agora! Vivo disso e aqui é meu lugar, não faço outra coisa!

(...) A circulação aqui nas cabines³ reduziu bastante com essas mudanças da prefeitura e pegamos mais sol, muito quente no verão, ninguém senta aqui nessa torreira!

Concluindo sua reflexão, o engraxate pede para eu *tirar uma foto* com sua família, enquanto seu colega, *Seu Lopes* também antigo engraxate da Praça da Alfândega, simula um engraxar no tênis *de plástico* do filho. E o cheiro particular da pomada de sapato é algo marcadamente proeminente neste local, no qual destaquei com ênfase no meu diário de campo.

No outro flanco da praça, nas outras cabines de engraxar próximo à Rua Caldas Júnior, encontro o engraxate Paulo Lopes de 71 anos de idade que há mais de 20 anos trabalha nessa profissão e neste mesmo local, em uma conversa tranquila pausando seu trabalho do momento falando reflexivamente:

³ Cabines ou cadeiras são as estruturas físicas fixas onde os engraxates desenvolvem suas atividades. Anteriormente as cadeiras eram patrocinadas pelo Banrisul (Banco do Estado do Rio Grande do Sul), atualmente é a própria SMIC (Secretaria Municipal de Indústria e Comércio) que doou e instalou para os profissionais da praça.



Figura 4: Entre um sapato e outro.

Eu estou num bom ponto, bem perto do movimento dos Andradas (...). Não dá para se queixar e dá pra viver... E como dá! Só que antes era bem melhor, hoje se usa muito *sapatênis* que não vai graxa, né! Meus clientes hoje são mesmo, o pessoal do Banrisul aqui do lado.

Esse ponto e o ponto dela (apontando para Vera colega de profissão localizada na cabine ao lado) é muito bom, já os daqueles *ficou* péssimo com o que a prefeitura fez (apontou para as cadeiras que foram colocadas em zonas de menor circulação e escondidas), ninguém passa lá, o pessoal do jogo esconde elas e fazem muito tumulto e sempre tem cheiro da maconha da gurizada que fica lá nas sombras. (...) as pessoas não entram lá, tem medo né, e ali tem cadeiras vazias sobrando que ninguém quer! É triste, tá reduzindo muito essa nossa profissão, hoje deve ter umas 17 cadeiras, mas só cinco trabalhando de verdade... De verdade! Antes era mais de 30 espalhadas por essa praça e sempre cheia de gente engraxando!

Continuando nossa conversa indaguei ao Paulo Lopes sobre como era a convivência com os outros engraxates e demais pessoas presentes nesse espaço, ele relatou:

Tudo tranquilo, meu filho! Me dou bem com todos e todas (...) nunca tive problema! Eu na minha e os outros na deles! Só teve um colega que pegou um dinheiro do patrocínio do Banrisul e não dividiu com a gente, ninguém gostou, foi 140 mil é um tramposo⁴, mesmo! Mas Deus sabe o que faz!

⁴ Paulo Lopes, embora tenha me revelado o nome do colega que *desviou o dinheiro* do patrocínio, solicitou que não o publicasse na pesquisa.



Figura 5: A cadeira vazia sobrando que ninguém quer.



Figura 6: O jogo que atrapalha o cotidiano.

Nas duas fotografias confirmamos a situação narrada por Paulo Lopes em nossa conversa, podemos perceber a realidade das *cadeiras vazias* (foto 5) e da atividade do jogo de dama e dominó (foto 6) que *escondem* e de certo modo causam uma aglomeração e tumulto que intimidam parte da

circulação da maioria das pessoas, fato que comprovei por meio das observações realizadas e, além disso, essa parte da praça é a mais sombreada e escura que corrobora com as afirmações do narrador.

A experiência desses instantes revela a importância destas parcelas do espaço para a subsistência de suas famílias e para a própria sobrevivência desses profissionais. A prática do engraxate é recorrente neste local, mas sofreu profundas transformações em decorrência das reconfigurações do centro de Porto Alegre, tanto urbanisticamente, quanto dos usos e significados ao longo de sua história e recentemente com o projeto de revitalização e paisagismo da praça empreendido desde 2009, que inclusive promoveu a realocação das cadeiras dos engraxates para locais de menor trânsito dos transeuntes e mais exposto às intempéries, o que desagradou a maioria dos profissionais da praça, como comenta o então presidente da Associação dos Engraxates da Praça da Alfândega, Júlio Lopes dos Santos (Seu Lopes) na reportagem ao Jornal Zero Hora do dia 24/01/2013:

Pelo acordo, sabíamos que íamos mudar de lugar, indo um pouco mais para frente. Mas, onde *foi* colocado, as pessoas não vão entrar para engraxar sapato. Acho uma falta de consideração conosco, que estamos na praça há mais de 50 anos.

O conflito ali estabelecido pode ser entendido como resultado direto da intervenção do Estado na lógica espacial com intuito do ordenamento, sem a consulta aos indivíduos que sobrevivem desta parcela do espaço, como observamos na fala do Seu Lopes. Este fato contradiz a noção de “nomoespaço” que conforme Gomes (2002, p.40) é uma “condição necessária” e fundadora de uma “sociedade de contrato” configurado na “ideia de um pacto social” em “diferentes composições espaciais” o que revela essa complexidade, simultaneidade e coexistência de relações presentes no cotidiano e que produzem este espaço perpassando pelo tempo histórico. Lefebvre (2006) corrobora com essa ideia afirmando que as “invariâncias ou constâncias, essa passagem incessante da temporalidade (sucessão, encadeamento) à espacialidade (simultaneidade, sincronização) define toda ação produtora” sendo essa lógica perceptível na conformação desse espaço analisado na pesquisa.

3.2 O espaço da arte muito além das galerias: arte que dialoga com os caminhantes

Ainda no entorno da Praça da Alfândega encontro, no *corre-corre* habitual da movimentada Rua dos Andradas, Dimas Camargo, que com 72 anos de idade, dedicou seus 22 anos pintando quadros nesse tradicional espaço do centro porto-alegrense, dizendo ele, me repreendendo de início em nossa conversa:

Não sou PINTOR de rua sou artista, ARTISTA (dando entonação na voz) (...) Infelizmente o artista de rua é um marginal é um prostituto da arte, o artista de rua é um símbolo da cidade é só ver nos outros países lá fora(...) e eu sou um símbolo. Eu estou em um livro, que foi lançado na Feira do Livro, teve coquetel e tudo mais. E ninguém me perguntou ou me convidou... Nada, nada e nem um livro eu ganhei!



Figura 7: Eu sou ARTISTA de rua!

Dimas Camargo, natural de Alegrete, vive em Porto Alegre desde 1961, onde trabalhou em diversas profissões, inclusive de maquinista de bonde em Porto Alegre. Começa a pintar suas telas na década de 70 e no final dos anos 90 estabeleceu seu *escritório* de segunda à sexta na Rua dos Andradas, estrategicamente em frente ao McDonald's e a Rua da Praia Shopping, por conta da grande circulação de pessoas que com isso favorece a visibilidade de suas obras.

Aqui todo mundo é obrigado a passar e sempre dão uma espiada nos quadros. De repente compram. Mas tá difícil! Gosto muito dos meus quadros da Porto Alegre antiga, mas o pessoal gosta mesmo é de Paris!. (Dimas Camargo)

A partir da conversa e direcionando para o intuito da pesquisa indaguei sobre a importância do espaço onde trabalhava e do centro para sua vida e sustento, ele revela:

Vi as transformações desse centro de Porto Alegre. Em outros tempos conseguia me sustentar e sustentar minha esposa. Hoje, falando numa linguagem bem gaudéria está *aos trancos e barrancos*. Hoje ninguém valoriza a cultura. Antigamente, o que eu vendia em um dia, uns 3 ou 4 quadros, hoje vendo em um mês. Falta cultura e valorização. Nunca, nesse tempo todo veio um secretário de cultura aqui. Lá fora valorizam mais, inclusive tenho duas capas de livros que foram publicados na Alemanha, tenho lá em casa. Aqui para o artista ser valorizado precisam de três coisas: ter sobrenome ter viajado para Europa e ter formação universitária, eu não tenho nada disso por isso não sou valorizado.

Os artistas aqui na cidade nem um espaço para guardamos nossas coisas nós temos. Tinha um projeto, que eu inclusive estava ajudando, de um espaço permanente para os artistas de rua expor seus trabalhos, mas até hoje não saiu do papel, por isso que eu digo, os governantes são os principais culpados pela desvalorização da cultura. E, além disso, ao invés de ajudar, hoje a Feira do Livro esmaga o artista, antes eles montavam uns 10 metros pra lá (disse apontando) agora fica em cima da gente e atrapalha nosso trabalho.

A pouquíssimos passos do artista Dimas Camargo, converso com um senhor muito simpático de falar rápido, chamado Carlos Roberto da Silva e Silva de 58 anos sendo 20 anos trabalhados nos arredores da Praça da Alfândega como artista de rua e tendo como principais atrativos de seus trabalhos as reproduções de fotos pessoais e de artistas e principalmente as caricaturas. Carlos disse-me sorridente em sua narrativa:

Adoro estar aqui, fico de segunda à sexta, por aqui e no domingo no Brique⁵.
(...) A arte tem que estar onde o povo está. Não tenho nada o que reclamar, consigo tirar uma boa graninha com minhas obras, vendo várias gravuras por dia. Meu trabalho é bem visto aqui. (...) Fora que estou em um lugar maravilhoso!(disse-me efusivamente) Trocamos ideias com os amigos, histórias de vidas, mulheres bonitas que passam e os pássaros cantando nas árvores. Uma beleza.
(...) com a revitalização da praça ficou melhor ainda, nós vemos tudo, ninguém se esconde mais. Fico bem visível. Nem ladrão de carteira e celular vemos mais.



Figura 8: A arte deve estar onde o povo está.

Continuando a conversa reforcei a ideia da convivência no centro e a importância para sua atividade, tendo como resposta:

⁵ O Brique da Redenção é uma tradicional feira que ocorre todos os domingos na extensão da Avenida José Bonifácio, junto ao Parque Farroupilha, em Porto Alegre, com a presença de diversos artesãos, artistas plásticos, comércios de alimentos e antiquários.

O centro é uma maravilha! Me dou bem com todos na volta meu trabalho é bem valorizado. O espaço aqui é bom tem tudo que eu quero na volta. E com os banheiros novos ficou melhor, por que os antigos que ficavam no centro da praça eram terríveis, muita droga, pederastia e marginais... Cruzes! (Disse-me efusivamente)

Dimas e Carlos Roberto dividem parte do mesmo espaço, metros de distância um do outro, ambos fazem de seus trabalhos diáários uma forma de sobreviver materialmente, pois conforme relatado é a única forma de renda. A arte em sua função simbólica e de pregnância estética se faz presente nas duas narrativas. Dimas vê de maneira pessimista a *cultura* e arte na atualidade, tendo ele passado por áureos tempos de vendas e hoje estando “aos trancos e a barrancos” como ele mesmo relatou.

Contradicoriatamente, a fala de Carlos Roberto nos dá indício de uma outra realidade, ou seja, a de um maior consumo de sua arte e consequentemente maior lucro que Dimas. É possível que a resposta para esta diferenciação esteja no *tipo de arte* que ambos desenvolvem, Dimas com seus temas de paisagens rurais com gaúchos à sombra de árvores, as imagens dos casarios e as ruas de cidades antigas como Porto Alegre e Paris que antes havia apreço para os que outrora passavam pela Rua das Andradadas, hoje cede passagem para as obras de Carlos Roberto que prioriza o humor em suas caricaturas e as reproduções dos personagens populares e famosos da novela e da música e dos retratos pessoais, que nos atuais dias são mais atrativos e comprados por aqueles que transitam por esse local.

3.3: O espetáculo da rua: vivendo no fio da navalha

Continuando o *flâneur* em direção ao Mercado Público de Porto Alegre, em específico, o famoso largo Glênio Peres, palco de feiras, distribuição de panfletos comícios, protestos, pregações religiosas, coleta de assinaturas para abaixo-assinados, ou seja, uma profusão de sons, cores, cheiros e sentidos, onde quem quer ser visto ou ouvido na correria da cidade, lá é o lugar certo. Nessa polifonia observo uma aglomeração em círculo e no meio José ou Zé da Faca como é popularmente conhecido, com seus 51 anos de idade, nascido na Bahia, mas que vive há 20 anos em Porto Alegre. Conforme ele,

Viver aqui é bom demais. Gosto tanto daqui que me casei com uma gaúcha! (relata sorrindo)

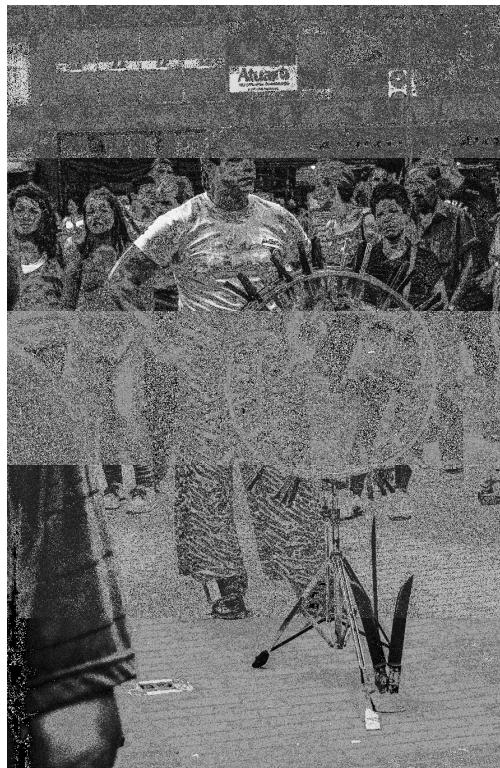


Figura 9: As facas super afiadas e fatais.

A atividade que José desempenha nesse espaço movimentado é o de atrair os transeuntes apressados para seu “espetáculo” como ele mesmo o denomina. O intuito principal desta prática é o de vender uma pequena lata dourada da “milagrosa” pomada de massagem, que de acordo com Zé serve para quase todas as enfermidades dolorosas do corpo. Assim, após uma longa explanação sobre os benefícios da tal pomada ele promete pular em um aro de “facas super afiadas e fatais”. O tempo que estive por lá, aguardando para conversar com ele, infelizmente não consegui vê-lo pular, mas José jurou que sempre passa por esse aro, e o fato de não ter visto fora uma exceção:

Trabalho por aqui de segunda à sábado, vendo para as pessoas que param para ver o espetáculo, mas tenho várias encomendas do pessoal aqui do centro mesmo. Sobrevivo bem disso e trabalhar por aqui é muito bom, tudo tranquilo e em paz. (...) tem uns corre-corre de vez em quando, mas nada de mais. Aqui no centro tenho vários amigos.
(...) as pessoas gostam de mim, tiram foto e tudo. Me sinto importante para a cidade.

Podemos notar a partir da narrativa de José a importância deste espaço para suas estratégias de sobrevivência e sua própria consciência de sua inscrição no cotidiano da cidade. Zé *da faca*, personagem deste *espetáculo* urbano, em sua forma de “apropriação pelo corpo” ou “pelos modos de uso”, como se refere Ana Fani Carlos (2007) produz esse espaço no plano vivido em sua multidimensionalidade e que conforma este espaço como o lugar praticado, como define De Certeau (1994).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das conversas, observações sistemáticas e o simples caminhar pelo *labirinto dentro do labirinto da cidade*, como se refere Walter Benjamin (1994 b), consigo verificar as percepções diferenciadas que a experiência urbana no espaço-tempo pode proporcionar aos seus praticantes no cotidiano. E essa compreensão passa por considerar o espaço como uma totalidade como afirma Milton Santos (1978) conformado pelos conjuntos de relações estabelecidas pelas funções, estruturas e formas ao longo da história (passado e presente), sendo o espaço o resultado dos processos sociais. Os *personagens* da pesquisa utilizam parcelas do espaço público para desenvolver seus trabalhos em suas “temporalidades⁶ práticas que são a matriz das espacialidades vividas em cada lugar” (SANTOS, 2004, p. 136).

O estudo, que ainda se desenvolve, procura buscar e “analisar a multiplicidade de significados e representações que atravessam o mundo do simbólico e que elaboram e recriam a realidade material” como se referem Perla Zusman e Rogério Haesbaert (2011). Vislumbro que o método etnográfico e seu procedimental técnico serve na pesquisa para desvendar esse cotidiano. A etnografia, tendo sua origem nas pesquisas antropológicas, vem alcançado seu intento na atual pesquisa permitindo-me “incorporar certas preocupações sobre o posicionamento do investigador e sobre a necessidade de outorgar voz a aqueles que, até o momento, não haviam tido seu espaço e haviam sido excluídos como sujeitos e objetos de reflexão na Geografia” (ZUSMAN e HAESBAERT, 2011, p. 7).

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: rua de mão única.** Vol. 2. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **The Correspondence of Walter Benjamin, 1910-1940.** Org. Gershom Scholem e Theodor Adorno. Trad. inglês: Manfred R. Jacobson e Evelyn M. Jacobson. Chicago : The University of Chicago Press, 1994.
- CALVINO, Ítalo. **Palomar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CARLOS, Ana Fani A. **O Lugar no/ do mundo.** São Paulo, FFLCH, 2007.
- CARTIER-BRESSON, Henri (1908-2004) - Transcrito de **O Momento decisivo**, in Bloch Comunicação, nº 6 Bloch Editores - Rio de Janeiro. Pag. 19 a 25, 1965.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano.** Vol. 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

⁶ Segundo Sartre (2005) o tempo e temporalidade são distintos, ou seja, o tempo é transcidente, enquanto a temporalidade possui uma ideia de percepção imanente através da consciência do tempo.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil.** 5 ed.-Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L'espace social. Lecture géographique des sociétés.** Paris: Armand Colin, 2007

ECKERT , Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HARVEY, David. **Espaços de esperança.** São Paulo: Loyola, 2004

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identificação: a rede gaúcha no nordeste.** Niterói:EDUF, 1997.

HAESBAERT, Rogério; ZUSMAN, Perla, CASTRO, Hortensia ADAMO, Susana (Org.), **Geografías Culturales: proximaciones, intersecciones, desafíos.** Buenos Aires: Editora da Universidade de Buenos Aires, 2011.

HEIDEGGER, Martin. Question IV. Paris: Gallimard, 1990.

KOSSOV, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd.Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne, vol.II.** Paris: L'Arche Éditeur, 1961.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

POE, Edgar Allan. **Os melhores contos de Edgar Allan Poe.** 3. ed. São Paulo: Globo, 1999.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec,Edusp, 1978.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2004. 4. Ed.

SARTRE, J-P. **O ser e o nada.** 13^a ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VARGAS, Bruna. Cadeiras novas desagradam engraxates na Praça da Alfândega. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 janeiro 2013. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/01/cadeiras-novas-desagradam-engraxates-na-praca-da-alfandega-4020916.html>. Acesso em: 16 dezembro 2014.